

BRASIL-PORTUGAL

1 DE FEVEREIRO DE 1899



Eva Tetrzini
(Na Valhira)

A NOSSA APRESENTAÇÃO

NASCE o *Brasil-Portugal* um mez depois de nascer o anno, e pouco antes de expirar o seculo. Vem ao mundo n'um momento convulsionado, ericado de problemas. Não apparece no mez das flores, n'aquelle em que o Destino costuma fazer brotar os poetas e as rosas. Ao contrario, vem n'uma epoca triste, em que a invernia bate rijo á porta, e as arvores secas e hirtas tem um ar de pavor. Para que não pudesse ser mais desolador o horoscopo bastava que o *Brasil-Portugal* viesse á luz n'uma sexta-feira, 13. E, comtudo, surge, vem á liça, desce á estacada, affronta os maus agoiros, entra denodado na grande batalha da vida, e entrega-se confiado á boa fada tutelar que nunca desampara os que trazem consigo uma ideia e uma vontade. Qual é essa vontade? Qual é essa ideia?

Responder a estas perguntas é dizer todo um programma, e como elle é simples e curto, em duas palavras se diz.

A ideia é esta: tornar o Brasil conhecido em Portugal, tornar Portugal conhecido no Brasil, generalisando em cada um d'estes paizes a arte e a litteratura do outro, e tornando apreciados de ambos, os escriptores e os artistas, que na mesma lingua, rica, sonora e rythmica, dizem o que na patria portugueza e na patria brasileira tem o sentimento de mais intenso e delicado e a ideia de mais profundo e brilhante. As paisagens, os monumentos, as personalidades, as fabricas, os aspectos de cidades e villas, que forem apparecendo em todos os numeros, lembrarão ininterruptamente, respondendo a uma curiosidade, ou avivando uma affeição, o Brasil a Portugal e Portugal ao Brasil. Os nossos pintores de nome atravessarão estas paginas com a nota da arte que mais encanta, por ser a que os olhos de prompto assimilam, dando em flagrante o commentario ou a *charge*, e illustrando versos e contos, romances ou chronicas. A photographia irá buscar aos salões artisticos, aos aposentos de trabalho dos homens illustres, ás casas sumptuosas, e aos *ateliers* dos artistas, o que mais interesse o bom gosto e a esthetica. E essas descrições serão firmadas por quem, em materia de sciencia mobiliaria e archeologia artistica tem um nome consagrado.

Acontecimentos palpitanes, nossos ou internacionais, terão aqui a sua repercussão tanto artistica como litteraria. O *Brasil-Portugal* sabe que não é viavel publicação d'esta natureza que mãos femininas não compulsem, que não interesse ou deleite o espirito feminino. E, uma das suas missões delicadas: esforçar-se-ha por cumpril-a.

E muito de proposito aguardámos o fim para dizer que o *Brasil-Portugal* tem a peito, acima de tudo, manter e apertar as relações do commercio e da industria entre as duas nações irmanadas pelo sangue, pelo sentimento e pela tradição. Eis aqui a ideia que traz consigo o *Brasil-Portugal*. Falta dizer o que é a vontade. A vontade é pô-la em acção e tornar-a pratica. Para esse *desideratum* absolutamente confiam no grande publico dos dois paizes.

OS DIRECTORES

Augusto de Castilho
Jayme Victor
Lorjô Tavares.

EVA TETRAZZINI

ESTRELLA de primeira grandeza que brilha pela terceira vez no céu de Portugal. O publico de S. Carlos, que tem no mundo lyrico reputação de exigente e severo, consagrara com o seu applauso a Tetrazzini no primeiro anno em que a ouviu, e os seus triumphos tem subido n'um crescendo de êxito até hoje. Em discordancia, não raro, com as plateias cultas de outros paizes, confirmou, logo que escutou a voz de oiro da Tetrazzini, a opinião e a critica, que a aclamavam triumphante, das plateias de Paris, de Nice, da Italia, de Montevidéu, de Barcelona e de Madrid.

Malleavel como a voz, o seu talento brilhante, conjugado com o seu temperamento artistico, encarna com equal facilidade a Margarida do *Franzini*, a Magdalena de *André Chénier*, a Desdemona, a Elsa, a Aida, a Gioconda, a Maria de Rohan, e tantas outras figuras, em cuja linha e em cuja composição geral ella completa e realça a acção do poeta e do maestro. A sociedade elegante de Lisboa teve sempre uma affectuosa admiração pela mulher, que é gentil, e pela artista, que é eminente.

Chronica Electrica

PARACE que uma corrente electrica imprime á sociedade moderna tal movimento de accleração que toca a vertigem. Dão-se analogos phenomenos de velocidade no mundo phisico e no mundo social. E isto explica o titulo d'esta chronica, que continuará permanentemente na 1.ª columna de cada numero do *Brasil-Portugal*.

Vejam quantos acontecimentos, dignos de nota, quantos factos pedindo registro, passam pelos dias decorridos desde que o anno começou, como por um kaleidoscopo de que apenas nos ficassem na memoria impressões confusas e fugitivas! Quanto se passára antes d'isso apresenta-se-nos já sob o aspecto de visões, com fórmias e vultos phantasticos, como se pertencesse ao dominio da lenda ou da magia, ou se tivesse dado em epocas pre-historicas.

Dewey e Cervera afiguram-se-nos apenas symbols, como na guerra da Hespanha com os Estados Unidos ha o que quer que seja de carnificina militar travada ha muitos seculos. A questão Dreyfus faz-nos o effeito de uma lenda com victimas e algozes, que tivéssemos lido em creanças, e que nos deixasse perpetuamente na lembrança o nome de Dreyfus, como o *Conde de Monte Christo* nos deixou o de Edmundo Dantès, e os *Tres Mosqueteiros* o de d'Artagnan.

E a Grecia esmagada pela Turquia e tutelada pelas grandes potencias, e Creta, e Fashoda, e a viagem de Guilherme II a Jerusalem, e a viagem do sr. Elvino de Brito ao Porto, e Felix Faure na Russia, e o czar a propôr o desarmamento das nações, — santo Deus! — não será tudo isto uma serie de capitulos de historia antiga, passada com extinctas gerações?

Ha quanto tempo começou o anno? Ha poucos dias, não é verdade? Pois bem. Não saíamos d'este cantinho occidental, e registemos só o que a memoria gravou.

Abrem-se as côrtes, em que a Rainha brilha como sempre pela mocidade e pela gentileza, e o Rei diz á nação representada o que o governo tem feito e o que vai fazer; reúne-se a maioria governamental com programas de um lado, adhesões do outro, elogios de todos, e declaração presidencial que fez scismar muita gente, pelo que encerra de enigmatica «no caso de uma guerra internacional Portugal não estará isolado na Europa»; passam-se dias em que as camaras se não reúnem, desforçando-se ambas depois, por meio de duas sessões fanebres, em que a eloquencia parlamentar consagra a memoria de Barros Gomes; diz-se e apregoa-se a esterilidade da litteratura dramatica e a seguir são applaudidas quatro peças originaes dos escriptores portuguezes Luiz Galhardo, Julio Dantas, Julio e Raul Brandão e Filipe da Matta; é raptaida uma actriz muito nova e muito bonita, a Rentini, a qual, tendo o rapto abortado á nascença, voltou para o theatro, d'onde logo, resolveu sair para a Egreja, por ser maior a paixão pelo raptor do que pela Arte; o chefe do Estado, acompanhado das duas Rainhas, e de seu irmão, honrou os agricultores e industrias portuguezes, distribuindo-lhes na Sociedade de Geographia os premios que lhes foram conferidos por occasião das exposições celebradas durante o centenário; morre o arcebispo de Braga, D. Antonio de Freitas Honorato, a quem vai succeder o arcebispo de Mytilene; n'uma sessão solemne, na Sala Portugal, o doutor Theophilo Braga consagra com a sua erudição inexgotavel a memoria de João de Deus, o poeta do amor e das creanças; de grandes negociantes e associações de commercio ha romarias constantes para o ministerio da marinha, afim de que o ministro faça annullar a portaria do governador de Lourenço Marques e tome providencias urgentes no sentido de facilitar o commercio dos nossosinhos para Africa; o sr. infante D. Affonso organisa por fórma brilhante o sarrau do Colyseu dos Recreios, o que produz uma farta receita a favor do Instituto que tem o seu nome; pela voz de Hintze Ribeiro e João Arroyo a opposição parlamentar procura arrancar nas duas camaras explicações ao governo sobre as bases do convenio com os crédores, mas nada consegue porque o governo as não quer dar; chegam dos crédores allemães propostas assustadoras e logo depois contra-propostas mansas que deitam agua na fervura; morre no Porto o cardeal D. Americo que se afirma será substituido pelo arcebispo do Algarve; e finalmente nasce em Lisboa, destinado a longa vida e vasta publicidade o...

Brasil-Portugal

EL-REI D. CARLOS

Das duas paginas de honra d'este primeiro numero uma é consagrada ao Rei de Portugal, outra á do Chefe da nação brasileira. Mais do que todas as palavras, ou do que todos os grammas, diz esta indicação os intuitos com que vem a publico o *Brasil-Portugal*.

Por muitos titulos devia o sr. D. Carlos de Bragança honrar o primeiro numero da nossa revista. Se o de chefe da nação portugueza não bastasse a dar-lhe a proeminencia entre os seus concidadãos, e a marcar-lhe portanto este lugar de honra, tantos meritos e qualidades pessoas se reúnem na pessoa d'El-Rei que não pode ser acoidada de lisonja ou de injuncta qualquer homenagem que se lhe tribute.

Chefe constitucional do Estado, tem esta suprema qualidade: representa acima de tudo a constituição.

Esta orientação politica que, na hypothese, significa o cumprimento do dever, está de tantas formas demonstrada, que é inutil citá-las. El-Rei leva o respeito pela missão constitucional de que está investido a antepôr a sua entidade de soberano á sua personalidade de homem. Para quem tem de governar homens por preceitos estabelecidos e leis fixas não ha elogio maior e mais repassado de justiça.

A um rei bondoso, popular, e por fim martyr, que presidiu durante cerca de 30 annos aos destinos da sociedade portugueza, succedeu muito moço. E o destino teve o capricho cruel de lhe cortar de disabores, que surgiam de todos os lados, de ameaças que em todos os horizontes da patria se encastellavam como nuvens negras, os primeiros annos de reinado. Pedra de toque, especie de cadinho providencial em que muitas vezes é mister afimar-se o espirito, provar-se o animo, e depurarem-se as qualidades que devem caracterisar aquelle que n'um dado momento da Historia tem a responsabilidade suprema nos destinos de um povo.

Justo é, porém, acrescentar que acontecimentos de outra natureza pareciam emanar d'esse mesmo providencial destino para indicarem ao joven soberano que, havendo hoje no povo portuguez as qualidades altas e sublimadas que o tinham assignalado na Historia, o espectáculo de feitos heroicos, que acabavam de provocar a admiração universal, era um incentivo e um estímulo, proprios a fortalecer e a avigorar o

animo do Rei provado em tantos reveses. E as campanhas de Africa, vindo marcar o primeiro estadio glorioso do seu reinado, parecia que propositalmente surgiam no momento em que se tornava urgente e inadivél esta divisa nacional: esperança no futuro.

Reunem se, como acima dissemos, na personalidade de El-Rei, qualidades, de que a natureza e a educação ricamente o dotaram, bastantes a assegurar-lhe, por si proprias, um lugar á parte, um lugar assignalado na sociedade portugueza. E é indispensavel confessar que as faculdades da intelligencia ou da vontade, que caracterisem qualquer individualidade, tomam relevo e augmentam de vulto quando acaso se conjuguem na personalidade de um rei, que, pela sua alta situação—o tempo absorvido pelos negocios do Estado, e as horas disponiveis applicadas a occupações de diversa ordem—precisa, como El-Rei D. Pedro V, e seu tio D. Pedro de Alcantara, e seu pae D. Luiz I, ser privilegiadamente favorecido pela natureza para revelar, por entre a agitação do mundo moderno, meritos de escriptor, de artista ou de homem de sciencia.

Orador, o sr. D. Carlos de Bragança segue a tradição paterna, e em vastas assembleias tem revelado, por forma a arrancar applausos sinceros, esta qualidade superior que tem feito ascender tantos homens, ou ás culminancias do triumpho, ou aos mais altos logares do Estado.

Pintor, as suas aquarellas, os seus pastels, premiados nas exposições artisticas de Portugal, dar-lhe-iam celebridade se tivessem sido admirados no estrangeiro.

Cultor de todos os exercicios modernos do sport, a sua fama de atirador correu a Europa, e nas caçadas de Chantilly, como nas de Villa Vicosa, ninguém o excedeu ainda na certeza da pontaria.

Lavrador, tem desenvolvido a vasta casa de Bragança, tornando-a productiva, por meio da exploração agricola e do apuramento das raças cavallares e taurinas.

A reunião de tantas e tão altas qualidades, que accusam simultaneamente intelligencia e acção, confirma de uma forma plena as palavras com que iniciámos este artigo, e que nos honramos de subscrever no primeiro numero do *Brasil-Portugal*.

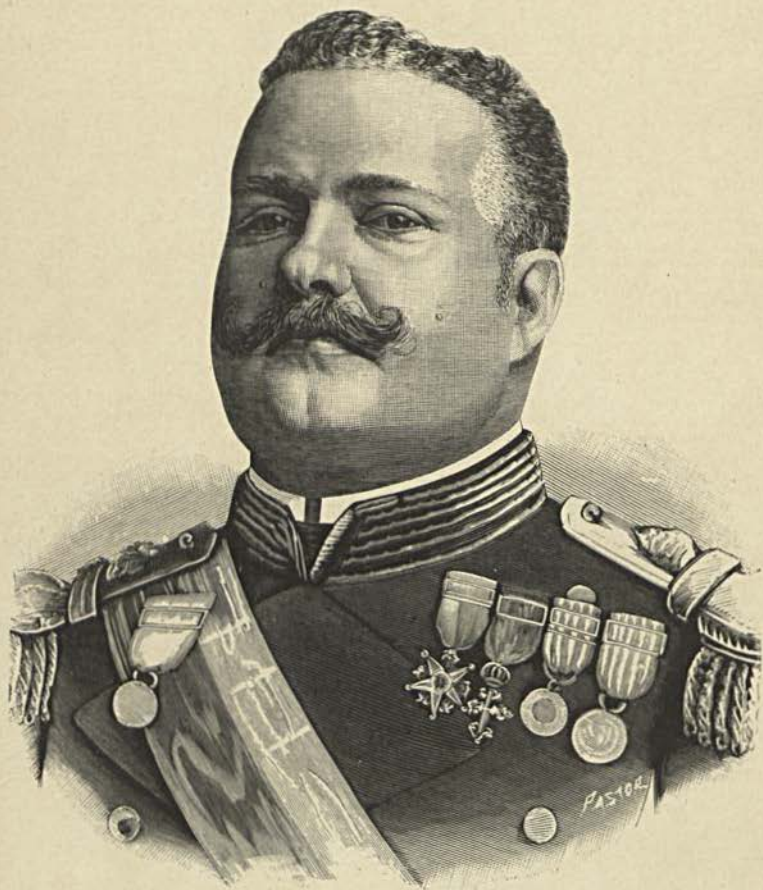
JAYME VICTOR.

Largo da Nazareth — PARÁ



SANTA Maria de Belem, capital do estado do Pará, hoje uma das cidades mais importantes do Norte do Brasil, tem tido nos ultimos dez annos um desenvolvimento assombroso. A exploração da borracha, que attrae por anno a esta região encantada milhares de braços, transformou por completo a antiga povoação, dotando-a com importantissimos melhoramentos e alargando consideravelmente a area primitiva. Acabaram as velhas edificações irregulares e menos vistosas, e os novos edificios, erguidos em amplas avenidas que irradiam do centro baixo, destacam-se pelo bom gosto e condições de ventilação apropriadas ao clima d'este bello paiz equatorial.

Muito tem concorrido para o desenvolvimento da cidade os esforços dos poderes publicos que se não poupam a despesas e sacrificios para a aliandarem. O largo da Nazareth, que hoje damos, o ponto de reunião, bullicoso e alegre, de todo o Pará no dia da grande festa de setembro, dá uma ideia aproximada do que são aquellas aleas extensas, sempre cheias de sombras e de frescura.



S. M. EL-REI D. CARLOS

DR. CAMPOS SALLES

NASCEU na cidade de Campinas o homem honrado de quem vamos occupar-nos durante alguns momentos, e que hoje está á testa dos destinos do Brasil. Tendo concluído com bons créditos em 1864 a sua formatura em sciencias jurídicas e sociaes na Universidade de S. Paulo, essa formosa cidade, capital do Estado em que nasceu o festejado e desditoso maestro Carlos Gomes, autor do *Guaraní*, ensaio ou Campos Salles as suas forças na carreira de advogado, conquistando em pouco tempo um grande renome pela brilhante defeza que logrou fazer de um pobre portuguez.

Quatro annos apenas depois da sua saída das escolas, a sua intelligencia não vulgar, o amor do torrão natal, a energia de uma vigorosa vontade e outras notaveis e grandes faculdades pessoas, começaram a impelli-lo para a vida politica, tão seductora para todos, para tantos enganadora e desdenhosa, e para poucos apenas reservando os seus thesouros de caricias. D'essa fada despotica foi Campos Salles um dos filhos dilectos, percorrendo rapidamente todos os passos que levam ao fastigio das ambições humanas, e assignalando esses passos por serviços sempre brilhantes á causa publica.

Muito moço ainda foi eleito deputado á assembléa provincial de S. Paulo, na qual serviu sempre com galhardia e brilho no partido liberal monarchico. Distinguiu-se ahí nas pugnas oratorias pela defeza calorosa e denodada das mais avançadas idéas da democracia. Mereceu-lhe a instrucção publica especial attenção, sendo mesmo tal assumpto o que mais absorveu sempre o seu espirito n'aquella assembléa. E levou tão longe a sua pujança de luctador convicto que, tendo apresentado um complexo e bem elaborado projecto de reforma de instrucção, e tendo-lhe sido rejeitado, apesar da brilhantissima argumentação com que o defendeu, sentiu-se tão profundamente magoado na sinceridade dos seus esforços que deixou n'esse mesmo dia as fileiras da democracia.

Filiado n'essa occasião solemne da sua vida publica no partido republicano, a elle se dedicou tão tenazmente que, pouco depois, sustentando renhido combate com os monarchicos, conseguiu triumphar e fazer-se eleger vereador republicano á camara municipal de Campinas.

Foi mais tarde eleito, por esse mesmo partido avançado, deputado á propria assembléa provincial de que havia saído desgostoso e desiludido; e ali affirmou com tanta energia, com tão grande eloquencia e com um brilho scintillante tão fóra do vulgar o seu ideal politico, que foi elle sem duvida um dos mais denodados adversarios das instituições monarchicas.

Apesar de grande proprietario rural, foi um dos mais valentes campeões do abolicionismo — o que faz realçar mais ainda, pela isenção e desinteresse humanitario que dictou o seu acto, a sua elevada e nobre estatura moral.

Eleito em 1884 deputado republicano e abolicionista á camara de deputados geraes, encetou Campos Salles o sympathico debate sobre a abolição; e quatro annos mais tarde, depois de porfiadas discussões,

triumphou afinal a causa da generosidade e da civilização christã, assignando a princeza regente, D. Isabel, o seu inolvidavel e benéfico decreto de 13 de maio de 1888, extinguindo no Brasil a condição servil.

Proclamada a Republica no Brasil, foi logo o dr. Campos Salles escolhido para ministro da justiça no gabinete organizado pelo governo provisório. Não era para admirar que, tendo-se subvertido inesperadamente o Imperio por um acto bastante tumultuario e precipitado, diga-se a verdade, fossem procurar os homens de idéas avançadas, respeitaveis e de crenças puras, para regerem os destinos de um paiz onde se installava repentinamente um regimen novo, menos sobre as geraes convicções da maioria da nação do que sobre o espanto e a indifferença do maior numero. O nome do dr. Campos Salles estava naturalmente indicado; e d'elle era licito esperar-se grandes serviços, se não tivessem surgido invenciveis divergencias com o presidente da Republica, marechal Deodoro da Fonseca — divergencias que o forçaram a largar o poder.

O Estado de S. Paulo elegeu-o logo senador federal, e pouco depois, em 1895, foi aclamado presidente do mesmo Estado, em cujo exercicio deu altas provas de bom senso e de vigor administrativo.

Tendo-se assim generalizado por todo o paiz a fama d'esse homem illustre que em tão variadas situações havia devotadamente honrado a grande nação brasileira, entendeu esta dever confiar-lhe os seus destinos e elegeu-o presidente da Republica a 1 de março de 1898 por uma votação de cerca de 500.000 eleitores.

Apenas eleito e investido assim na mais elevada magistratura da nação, veiu o dr. Campos Salles, animado dos mais puros desejos de se instruir, percorrer os principaes paizes cultos da Europa e estudar as grandes questões vites de administração. De como elle se houve n'essa sua espontanea, laboriosa e fecunda missão, da impressão vantajosa que para o Brasil se formou n'esses diversos paizes, e do muito que ha a esperar do seu paternal e illustrado governo, deram eloquente testemunho os periodicos d'esses paizes percorridos pelo novo presidente, e a attitude respeitosa com que elle em toda a parte foi acolhido.

Em Portugal especialmente, que foi o ultimo paiz onde S. Ex.^a desembarcou antes de regressar ao seu, a recepção não podia ser mais sincera, mais espontanea e mais entusiastica. Todas as classes da nossa sociedade, em uma unanimidade significativa, timbraram em prestar ao dr. Campos Salles as suas cordaes e respeitosas homenagens.

Não é republicana a nação portuqueza, nem o é quem firma estas linhas. Não obsta isso, porém, a que cá de longe saudemos com effusão o novo presidente da grande Republica, fazendo ardentes votos para que ali, onde se fala a nossa lingua, onde a historia tem as mesmas raizes, onde o sangue, as crenças e os costumes são os nossos, se vá robustecendo o progresso e accentuando uma florescente civilização sob a inspiração e a direcção suprema do dr. Campos Salles.

AUGUSTO DE CASTILHO.

Uma flôr do Ceará

NASCEU a dois passos do Equador, na Fortaleza, capital do Ceará, a região de primavera permanente, que, em vibrantes alexandrinos, Guerra Junqueiro photographou já quando ha annos a fome, trazida por terrivel secca, assolou todo o Estado. Olhos negros e vivos, cabellos bastos, ondados e negros como aza de urubú, G... M... symbolisa um typo de belleza á parte no grande mundo das dolentes brasileiras, tantas vezes cantadas pelos vates de todos os paizes. Filha unica e estremecida de Albuquerque Mendonça, apreciado escriptor brasileiro, que, pela sua intelligencia culta, occupa o lugar de director na secretaria do governo do Pará, o seu viver deslisa sereno e feliz entre o seu bandolim e as canções apaixonadas do seu paiz.





DR. CAMPOS SALLES

Presidente da Republica dos E. U. do Brasil

AS MONDADEIRAS

(INEDITOS)

A Jayme Victor

Por entre os trigos as mondadeiras
Enchem as varzeas de cantorias.
Herva damninha, que bem que cheiras!
Nasces e afrontas as sementeiras
E é só por isso que não te crias.

As mondadeiras andam nas mondas,
De rego em rego, sempre a cantar,
Troncos curvados, ancas redondas,
Braços roliços e o peito ás ondas,
Que não se quebram como as do mar.

Nas terras baixas ou nas vertentes,
Alegres ranchos de raparigas,
O' mocidade, tu nunca mentes!
Como as cigarras andam contentes,
Mas trabalhando como as formigas.



Ranchos alegres mondando as cearas,
Que rico assumpto para os pintores!
Lembram vistosos bandos de araras:
Saías, roupinhas de chitas claras,
Chapeus redondos, lenços de côres.

E' necessario que o trigo venha
De palha grossa, de espiga cheia,
E, quando cáia na mó da azenha,
Não seja o caso que ás vezes tenha
Joio ou mistura de grãos de aveia.

Voam abelhas picando os ares
Em torno ao freixo que as inebria;
Nos tendaes leves, rectangulares,
Nedios carneiros, aos centenares,
São desnudados pela tosqia.

Desde o sol fóra que andam n'aquella
Faina constante pelos trigaes;
O' mondadeiras, tende cautella,
Que o parasita que se debella,
Se escapa cresce cada vez mais.

Dias ridentes de primavera,
Fecundos dias para a lavoira!
A natureza se retempera
Na farta seiva que as plantas gera,
No sol profuso que os campos doira.

E as mondadeiras, sempre mondando,
Porque o trabalho não as enerva,
Põem-se a prumo, de quando em quando,
Erguendo os braços e carregando
Sobre as cabeças mólhadas de herva,



A tarde morre tranquillamente;
Na freguezia soam trindades;
Penetra as coisas e invade a gente
Como uma benção de paz clemente,
Que vae caindo sobre as herdades.

E' já sol posto. Ao longe as noras
Gemem na rega dos laranjaes.
O' agua clara, penso que choras
E te lamentas horas e horas,
Porque alto sobes e d'alto cáes!

E as mondadeiras voltam das mondas,
Sachola ao hombro, sempre a cantar;
Bustos erectos, ancas redondas,
Braços roliços e o peito ás ondas,
Que não se quebram como as do mar.

Macedo Papança

(Conde de Montaraz).

DR. JOSÉ PAES DE CARVALHO

GOVERNADOR DO ESTADO DO PARÁ

Não ha penna que possa em breves traços, por mais vigorosos que sejam, descrever-lhe o perfil inconfundível. A alta individualidade de José Paes de Carvalho ha-de ser um dia a desesperação do biographo. Soube ser rapaz, aqui o vimos, ha perto de trinta annos, em plena expansão da mocidade alegre e ruidosa que já ia fugindo sem o sequestrar ao convívio das letras, nem tolher as manifestações, cada vez mais accentuadas, de um caracter de eleição. Na Escola Medica, onde estudou, no Martinho em que passava as primeiras horas da noite, na associação Philomatica que fundámos, por toda a parte o seu nome era respeitado pelo talento robusto e promettedor, querido como o de um amigo dilecto de todos os que privaram com esse rapaz, em que não sei se mais admirar os rasgos da intelligencia, se os dotes do coração.

De um espirito privilegiado, facilmente se familiarisava com os assumptos mais arduos, para muitos outros inacessíveis, e, até discutindo medicina nas re-nhidas luctas da Philomatica, conseguia ser ouvido com agrado pelos profanos. Expunha as questões com uma singeleza encantadora que desde logo nos empolgava — ninguem vi ainda menos artificioso do que elle — dos labios brotava-lhe espontanea a palavra, em que scintillavam sempre os primores da idéa; sabia dizer como sabia pensar, e, fugindo a sophismas, dizia como pensava. Correcto, ainda no mais acalorado das discussões, como todos os homens o deveriam ser, e porque era rapaz, lançava intercidentes, com os conceitos da clara dicção, ápartes repassados de fino sal cordealmente acolhidos e festejados. A' cabeceira do doente a sua opinião tinha o mesmo peso para condiscipulos e professores, possuindo em elevado grau o tacto medico, manifestação especial d'esse *quid*, que é denominado *sexto sentido*.

Nos passeios frequentes a Cintra e n'algumas excursões ao Bussaco, em horas destinadas a uma alegria doída, em que se lhe expandiam as exuberancias de vida, quantas vezes não pensou, ao ver as manifestações da natureza opulenta, nos quadros da patria distante, traçados com mão de mestre em prosa e verso pela bella pleiade de escriptores seus conterraneos, qual o mais poeta! quantas vezes não sonhou que para além



da longinqua fita de mar, inundada de luz, estava essa terra querida, tão beijada pelo sol e desentranhando maravilhas, a recordar os dias da infancia, a chama-lo com o lenço ainda banhado pelas lagrimas de sua mãe! Lá está hoje á testa de um grande Estado, em pleno estio da vida, conhecido de todo o Brasil, querido de todo o Pará, sempre amigo de Portugal em que deixou uma parte do seu coração e que nunca poderá esquecer, assim como nunca será aqui esquecido.

No meio das mais graves preocupações de estadista corre hoje a casa de qualquer doente, que necessite de soccorros clinicos, e o medico dos pobres, cuja fortuna não admite prodigalidades, recolhendo a casa com o nome cheio de bençãos, não raro vem com a bolsa vasia.

Mais uma nota para o aquilatar-mos e que define toda uma individualidade:

Gabriel***, quasi no fim do curso de medicina, ia succumbindo, prostrado por uma tísica. Um dia, após muitos outros em que revelou um grande stoicismo, José Paes viu-lhe os olhos marejados de lagrimas, e, adivinhando a agonia dilacerante que ia na alma do seu amigo, disse-lhe: «podes morrer descançado, que tua mulher e tua filha não ficarão á desamparo!» e cumpriu religiosamente a promessa até á morte da ultima pessoa d'aquella desgraçada familia; a parca mesada do estudante, cortando pelo desnecessario, fez raiagres.

Perdôa-me! — meu caro José Paes — por vir dar a publico esta perola.

Ao lado do prestigioso chefe do Estado do Pará, a sombra do pobre Gabriel segue-te e abençoa-te; no amor tributado pelo povo que superiormente administras e que te quer como nós está o primeiro juízo de Deus!

O Centenario de Garrett

É uma dívida de honra a que Portugal vai pagar dentro de tres dias. Passa no dia 4 d'este mez o primeiro centenario do nascimento do poeta, que é uma das glorias d'este seculo, estrella de primeira grandeza e de eterno brilho na nossa constellação litteraria. Para lhe dar renome imperecivel, e proclamal-o marechal no nosso limitado exercito de intellectuaes, um livro lhe bastava: o *Frei Luiz de Sousa*, que marca no theatro portuguez uma epoca nova, sempre gloriosa.

Dramaturgo, poeta, critico, romancista, historiador, parlamentar, orador, estadista, Garrett é uma figura colossal, uma d'essas individualidades pujantes que enchem um seculo com o seu nome e illuminam a historia de um povo.



Almeida Garrett

como é de justiça, collabora poderosamente, para glorificar o nome que glorificou Portugal.

É o Atheneu Commercial do Porto, são as associações das duas cidades, é o theatro de D. Maria, que foi o theatro das glorias do dramaturgo, é a Sociedade de Geographia de Lisboa, é a Academia de Coimbra, são numerosas collectividades emfim, que vão dar á memoria illustre de Garrett todas as fórmulas da consagração publica, desde a representação de peças suas, até ao projecto de um monumento que lhe perpetue a memoria.

A essas manifestações associa-se antecipadamente o *Brasil-Portugal*, consagrando hoje á memoria de Garrett esta pagina com o retrato do poeta, e com a reprodução, pela photo-gravura, da casa onde elle expirou no dia 9 de Dezembro de 1854, na rua de Santa Isabel n.º 56, defronte do cemiterio dos Ingleses — casa onde se vê a lapide commemorativa que lá mandou collocar a camara de Lisboa — e com a do tumulo em que as suas cinzas repousam.

Esse jazigo pertence á familia de D. Francisco de Paula Pimentel de Brito do Rio, tem o n.º 455, e encontra-se na rua 8 do cemiterio Occidental, lado direito.

Paga a primeira divida, resta a segunda, que é de honra



Casa onde falleceu Garrett



Tumulo de Garrett

Honrando-lhe a memoria, honra-se a sociedade portugueza, que, de hoje a tres dias, nas duas primeiras cidades do paiz, vai celebrar homenagens publicas, em que a arte,

tambem: a trasladação d'esses restos sagrados para o Pantheon Nacional. Garrett, o creador do drama moderno, o poeta das *Folhas Cahidas*, deve estar ao lado de Camões, de Herkulano e de João de Deus.



Ferreira do Amaral no Rio de Janeiro



Fonseca Araujo

ENTRE AS grandiosas manifestações com que no Rio foi recebido o commandante do *Adamastor* figuram as festas íntimas, das quaes resaltoa sempre a nota da affectuosidade.

A gravura que hoje damos representa o Hotel das Paineiras, caminho do Corcovado, o ponto mais elevado, que domina a pittoresca bahia nos seus recortes caprichosos, e de cujo topo se descortina vastissimo panorama.

Sentado, á frente do grupo de admiradores e amigos, vê-se o conselheiro Ferreira do Amaral. Segue-se-lhe á esquerda o sr. Lampreia, nosso encarregado de negocios, que tem immediatamente ao seu lado o jornalista portuguez Eugenio da Silveira. O terceiro, á esquerda do sr. Lampreia, é o sr. visconde de Veiga Cabral, director da Caixa de Soccorros, um dos chefes prestigiosos da colonia portugueza, ao lado do qual se vê a phisionomia ampla e ridente do chanceller do consulado portuguez.

Á direita de Ferreira do Amaral destaca-se o representante do *Jornal do Commercio*, sr. Ernesto Senna, e o terceiro d'esse plano, á esquerda, de jaqueta alvadio, é o sr. visconde de Avellar, presidente da Beneficencia Portugueza. Na extremidade d'esse lado, confundindo-se com a linha que fecha o quadro, está o representante do *Jornal do Brasil*, o sr. Arthur Jorge Lino. Estas são as figuras do quadro que conhecemos. O *Brasil-Portugal* é a primeira publicação que dá, pela photo-gravura, a reprodução d'este bello grupo, da *Photographia Americana*, do Rio de Janeiro. Outros dará nos numeros immediatos.

Pedro Maria da Fonseca Araujo

O ex-presidente da Associação Commercial do Porto, cargo para que foi eleito em novembro de 1895, é uma das individualidades proeminentes do norte do reino.

Conta apenas 35 annos, pois nasceu a 24 de Dezembro de 1863, no Porto, e contudo tem desenvolvido uma actividade tão fecunda, que parece desmentir-lhe a certidão de idade.

Na Inglaterra e na Alemanha completou a educação, iniciada na terra em que nasceu, e d'esses paizes exemplares assimilou as qualidades praticas que tem revelado não só no desenvolvimento da importante casa Fonseca & Araujo, de que é um dos principaes socios, mas tambem na fundação da casa commercial Porto Araujo & C., em Lisboa, em todas as commissões em que tem servido, e muito especialmente na Associação Commercial do Porto, á qual soube imprimir o cunho do seu espirito culto e pratico

A Despedida de Verão

(AO SR. C. DA R.)

I

NOITE de tormenta cá fóra. Noite de tormentos lá dentro.

Cá fóra o sul, em raias surdas, varria os campos, rugindo, retorcendo as ramadas das arvores, revolvendo tudo, convulsionando o mar que vinha em rolos rebentar na praia, fustigando montões de nuvens desorientadas, negras como remorsos, e

açoitando a fachada da casa em que ella agonisava, a pobre *Despedida de Verão*. E aos mugidos do vendaval juntavam-se pios agoirentos de gaivotas espavoridas que chegavam do largo, azas abertas, fugindo ao tempo,



II

Lá dentro uma tormenta de tormentos.

Rasgavam-se duas almas em angustias sem nome á beira de um leito pequenino. E havia esperanças rapidas, desalentos, milagres entrevistos pela Fé, desencenças subitas logo allumiadas por novas crenças, lumes postos aos pés de um Christo... Pois era lá possivel que ao rebentar das primeiras folhas se finasse aquella pobre *Despedida de Verão*?

— Senhor... Senhor...!

E os labios moviam-se em orações sem palavras, e os olhos nem já davam lagrimas, que as lagrimas tinham sido todas choradas...

A pobre *Despedida de Verão* finou-se na manhã seguinte.

Não lhe valeram cyrios, nem promessas, nem fervores dos que se pegaram com Deus, e que para ali ficavam hirtos, apunhalados, sangrando, vivendo para a morte, mortos para a vida, cravando os olhos apavorados no vasio que se alargava nas trevas de uma noite sem fim...



III

Lá dentro continuou rugindo a tormenta. Cá fóra tudo em festa.

O temporal amainára, e ria-se o sol, riam-se os campos, ria-se o mar aveludado, e ria-se o proprio céu por entre uma nesga de nuvens, brancas como noivas, que logo de manhãzinha se alinharam por aquella estrada azul para verem passar, toucada de luz, a pobre *Despedida de Verão*...

LORJÓ TAVARES.



MARCHESI CONIGLIO

A DELIA MARCHESI, soprano de grande valor, é a primeira figura da companhia de opereta actualmente nos theatros do Norte do Brasil e que em novembro partiu para o Pará, contractada pelo activo empresario Juca Fernandes, entre nós tão conhecido. Encetou a sua carreira artistica em Ferrara, aos 16 annos, e fez a sua primeira *tournee* pela America com a companhia Tomba. Muito apreciada em toda a Italia, Marchesi, uma artista moderna, segue a direito o seu caminho, amando a Arte acima de tudo. No *D'Artagnan*, que ultimamente cantou em Milão, Marchesi revelou dotes excepcionaes de cantora e actriz. Casou-se ha annos com o regente de orchestra, o maestro Coniglio Francesco, uma das mais firmes batutas italianas, que deixou a sua cadeira no conservatorio de Palermo para peregrinar o Brazil onde neste momento estará regendo os triumphos da sua estrella... duas vezes: no palco publico e no palco do seu lar.



CONIGLIO FRANCESCO

Rio de Janeiro

ESTAMOS defronte da bella capital dos Estados Unidos do Brasil, e de um largo e formoso trecho da sua bahia, que é uma das mais vastas do mundo, toda semeada de ilhas e ilhotas, e tendo logo á entrada o *Pão de Açúcar*, esse rochedo altaneiro que se depara ao viajante quando se aproxima da grande cidade, á qual parece servir de sentinella.

Pela sua situação topographica, assentando na base dos grandes morros, estendendo-se por uma area enorme, reclinado como uma sultana, a cujos pés vem espalhar-se essa formidavel bahia, o Rio de Janeiro é uma das mais bellas cidades do mundo. Possui hoje notaveis edificios publicos, que iremos a pouco e pouco reproduzindo e offerecendo á curiosidade dos leitores do *Brasil-Portugal*.

A parte central da cidade é occupada pelos estabelecimentos do commercio, onde se nota incessante labuta e movimento. O que constitue os arrabaldes e a parte maior, são essas largas avenidas, essas ruas espaçosas, onde se erguem palacetes que revelam, a par da riqueza, o mais apimorado bom gosto. D'essas casas elegantes, raras são as que não teem a sua chacara, onde se ostentam as mais bellas plantas, as arvores mais decorativas d'essas regiões privilegiadas em que a natureza revela prodigamente a sua graça e a sua força.



Surgem em pleno coração de inverno as alegrias do Natal: todas as estações e todas as edades teem o seu sorriso.

G. M. VALTOUR.

Uma ternura não pode viver se não for incessantemente fortalecida e fecundada pelo respeito.

ALBERTO DELPIT.

As mulheres sentem melhor do que nós a poesia do Natal: um berço fala mais de perto ao coração das mães.

LAMARTINE.

As mulheres governam-nos; procuremos portanto tornal-as perfeitas; quanto mais luzes tiverem, mais nós esclarecemos.

SHERIDAN.

POETAS E PROSADORES

(PEROLAS DISPERSAS)

ADEUS

Fique em silencio eterno a minha lyra;
Vae, effluvio de Deus! Deus te bem fade:
Nesta alma, em teu logar fica a saudade,
Se a essencia sobrevive á flor que expira.

Dizer-te adeus! não pude; quando occorre
Tal voz ao labio, o labio empallidece,
Como a nota da lyra nos fallece
Ante a lua que cae, e o sol que morre,

Ante o sópro que varre o cedro e o vime,
Ante o sublime aspecto do oceano,
Ante a esposa do martyr sobrehumano,
Ante tudo o que é grande e que é sublime.

Embora! . . . quando a lampada crepita
Já falta d'oleo, languida esvoaça;
A nuvem estala; ruge a onda e passa,
Guarda silencio a abobada infinita.

João de Deus.

IDA

Para a porta do céu, — pallida e bella,
Ida as azas levanta e as nuvens corta.
Correm os anjos. . . E a creança morta
Foge dos anjos namorados d'ella.

Longe do amor materno, o céu que importa?
E o pranto os olhos limpídos lhe estreita;
Sob as rosas da candida capella,
Ida soluça ao ver abrir-se a porta. . .

Quem lhe dera de novo o escuro canto
Da escura terra, onde, a soffrer sósinho,
Um coração de mãe desfaz-se em pranto!

Cerra-se a porta, os anjos todos vôm . . .
— Como fica distante aquelle ninho,
Que as mães adoram mas amaldiçoam!

Olavo Bilac.



RIO DE JANEIRO

A Borracha ou Gomma-elastica

Borracha, gomma elastica, seringa, ser-namby, caoutchouc, cauchu, borracha de manicoba, taes são os nomes dados geralmente ao producto que constitue actualmente a principal riqueza da região amazonica que comprehende os dois Estados mais septentrionaes da Republica brasileira, o Amazonas e o Pará.

N'estas denominações ha uma verdadeira confusão, pois as applicam indifferentemente a productos que offerecem entre si analogia, mas que são provenientes de origens diversas, confusão principalmente devida a que esses productos todos são utilizados em applicações communs, no fabrico de todos os innumeraveis objectos conhecidos por artefactos de gomma elastica, fio variados que é impossivel enumerar os todos, pois os encontramos em grande quantidade utilizados pela medicina, pelas artes mechanicas e engenharia, em mil coisas de uso domestico, e até como elemento indispensavel para o fabrico dos cabos submarinos. E com razão dizia um escriptor, falando d'esta substancia, que era ella o material do futuro, pois cada dia novas e numerosissimas applicações iam sendo descobertas, tornando-a cada vez mais indispensavel.

Nas regiões amazonicas chamam ás arvores que a produzem *seringueiras*, mas não pertencem ellas todas a uma mesma especie e sim a um genero que comprehende actualmente onze especies, das quaes, segundo um estudo feito pelo Dr. Hubner, director da secção botanica do Museu Paraense, nove pertencem á região amazonica. E' ao seu trabalho que vou buscar para este artigo o que se refere á classificacão botanica.

Das onze especies, a que constitue a especie *Siphonia elastica*, e á qual muitos attribuem as seringueiras pertencentes a especies amazonicas, é justamente aquella cuja existencia no valle amazonico não está provada, e o resumo chronologico seguinte prova a prioridade e a prerogativa do nome generico *Hevea*.

1775—O botanico francez Aublet dá sob o titulo de *Hevea guyanensis* a primeira descripção scientifica de uma verdadeira seringueira collocada na Guyana franceza.

1807—Persoon, seguindo a nomenclatura generica de Scherler, substitue o nome de *Hevea guyanensis* pelo de *Siphonia elastica*, e durante 60 annos foi este nome geralmente adoptado.

1825—O botanico allemão Kunth descreve sob o nome de *Siphonia brasiliensis* uma seringueira do alto

Orenoco, colligida por Humboldt e Bonpland, identificando-a com uma planta do herbario de Willdenow, colligida no Pará por um tal Sillor, creado do conde de Hoffmannsegg. Depois d'esta data diversos levaram do Pará especimens de seringueiras conformes á descripção da *Siphonia brasiliensis*.

1854—O botanico inglez Benthán, que, classificando as vastas collecções reunidas por Spruce, descreve cinco especies novas do genero *Siphonia*:

Siphonia Spruceana (de Santarem)
 » *discolor* (de Maniões)
 » *pauciflora*, *rigidifolia* e *lutea* (do alto Rio Negro e do Rio Maupés).

1865-1866—G. Mueller Argoviensis, o sabio monographo da familia das Euphorbiaceas (a que pertencem as seringueiras), conforme a lei de prioridade hoje adoptada nas nomenclaturas, restabelece o antigo nome generico de *Hevea* (de Aublet). Segundo este auctor, as especies descritas até esta epocha devem chamar-se da seguinte maneira:

1 *Hevea guyanensis* (Aublet)
 2 » *brasiliensis* (Muell Argos)
 3 » *Spruceana* » »
 4 » *discolor* » »
 5 » *pauciflora* » »
 6 » *rigidifolia* » »
 7 » *lutea* » »

1874—O mesmo auctor, na sua monographia das Euphorbiaceas brasileiras (Martins, Flora Brasiliensis, vol. XI, parte II) junta mais as seguintes quatro especies novas:

8 *Hevea membranacea* (Rio Maupés coll. Spruce) Muell. Argos.
 9 *Hevea Benthamiana* (Rio Maupés coll. Spruce) Muell. Argos.
 10 *Hevea nitida* (Amazonas e Solimões coll. Spruce) Muell. Argos.
 11 *Hevea jancirensis* (Rio de Janeiro coll. Glorieu) Muell. Argos.

Das onze especies só duas não são encontradas no valle amazonico, e das nove

especies amazonicas duas se acham tambem fóra dos limites da região amazonica brasileira, a *H. brasiliensis* no Alto Orenoco (o que parece extranhavel), e a *H. Pauciflora* que cresce na Guyana Inglesa.

Cumpra advertir que nem todas as especies amazonicas se encontram nas mesmas localidades; no *Daico Amazonas* predomina a *Hevea brasiliensis* Muell. Argos; no *Rio Maracá* o pessoal do Museu Paraense classificou uma especie conhecida pelo nome de Seringueira barriguda que parece por todos os seus caracteres a *H. Spruceana*. Esta qualidade não é recebida no commercio.

No *Amazonas Central* são vulgares a *H. Spruceana*, a *H. discolor*, a *H. nitida*.

Nas regiões do *Rio Negro* e *Rio Maupés* são communs a *H. lutea*, a *H. pauciflora* e a *H. Benthamiana* e ainda a *rigidifolia* e a *membranacea*.

Em muitas mais considerações se espraia o Dr. Hubner, mostrando que o estudo da classificacão das especies que completam o genero *Hevea* está incompleto, e esperando que observações mais completas do *habitat*, das flores, e dos caracteres exteriores, permitirão mesmo aos leigos o determinar as diferentes especies uteis ao commercio.

Concorram, porém, á venda, além do producto extrahido das diferentes arvores, cuja classificacão botanica acabo de apresentar, outros que são tambem introduzidos com o nome generico de borracha, mas a que este nome não deveria ser applicado, como a borracha de Manicoba (do Ceará) extrahida do *Gatopha Glasioou*, á qual é attribuido um valor muito inferior ao da borracha amazonica; e ainda a substancia conhecida no commercio com o nome de cauchu, proveniente em sua quasi totalidade do Perú, chamada assim, creio eu, por corrupção da palavra caoutchouc, nome usado pelos francezes para indicar a borracha. Esta substancia é proveniente de uma planta que nada tem de commum com as *Heveas* e extrae-se por um processo differente do empregado para a extracção da borracha, sendo o seu valor tambem muito inferior ao de producto amazonico.

Nos seguintes artigos me occuparei do modo porque é obtida a seiva das *Heveas*, e do preparo a que é sujeita antes de vir ao commercio, bem como do seu valor nas differentes praças e da sua importancia nos orçamentos dos Estados do Pará e Amazonas, e consumo na Europa e America do Norte.

Lisboa, Janeiro—1899.

BARÃO DE MARAJÓ.

A' varanda do club

Notas rapidas

Dias de inverno, dias de brumas, dias de tristezas e de galochas... Que de nuvens pardacentas lá por cima, a envolverem-se, e tanta lama e tanta chuva cá por baixo! Ha duas semanas que a minha alma não sae á rua, á falta de pára-aguas; e eu e ella aqui estamos, unidos n'um grande beijo, a espreitar pelas vidraças as gentes da nossa terra.

Quem nos viu e quem nos vê de ha alguns annos para cá! Já a ninguém assista a chuva, e tudo sae, tudo volta. — As raparigas, aos bandos, lindamente arragacadas, vão saltitando e sorrindo. Maliciozas! garotas!... Baixe, um pouquinho mais, a saiazinha arrendada... Porque? Porque? perguntae. Tendes razão, desculpa... A policia já não cõra... Erguei mais... e mais... e... Guardae segredos, mysterios! Olhos meus, tão indiscretos!

Loiras temos, e morenas, tão galantes... Eram outrora tão *gauches*, tão serenas e pacatas, o olhar sempre no chão, cruzadas sempre as mãosinhas sobre o ventre, mãosinhas ao lado, já maduras, já cançadas, a mostrarem, tão parecidas, como as filhas nos seriam vinte ou trinta annos além... E hoje, como ellas vão por essas ruas cantando, tantos donaires nas fórmãs, os dedos arragacando os vestidos sempre atrás, e um tilintar de chocalhos... Eh, rapazes! como a vida é divertida! Ide correndo, correndo... Cada um tem um chocalho que vos chama e vos convida... Que sonho! que phantasia! Carro d'ouro, alfombrado, grinaldas de laranjeira, padrinhos e copo d'agua... Só pra-se... veio a noite! Boa noite! Noite de nupcias!... Eis o effeito do chocalho! A moda é linda!

E a chuva não pára, não! A minha alma continúa sem abrigar, sem resguardo, e portanto, vamos gozando, através d'estes vitraes, o que se passa na rua.

Tanta equipagem de luxo ás portas dos confeiteiros e dos dentistas! Pudera! E nas modas tanta azafama! Ou de Paris ou de Londres, ou de Berlim ou de Viena, que de resacas nos chegam! Todos gritam, blasphemam, falam do cambio e das pautas, falam em crise, em ruina, que o piõsino está mais caro e os ovos bradão aos ceus. Mas o luxo... a tentação, o peccado envolve em sedas... vai-se alastrando, alastrando, como a febre, como um mal, de que muitos, certo, escapam, e outros vão definhando.

Anda afflicto o Thesouro, e por amor d'elle o Ministro; ha conselhos que o Presidente suavia com chá, torradas e bolos; financeiros são chamados a capitulos; p'êm-se ideias a premio; os directores geraes organisam planos e orçamentos; promettem-se as colonias para alinetes de gravata á Inglaterra; diz-se, enfim, que o paiz está pobre, traz as botas meio a rir e os *dessous* menos tratados; e afinal, afinal...

Como essa turba nos engana, a minha alma me observa! Parece que vivemos n'um mundo, todo de fadas, mundo todo de alegrias, sem cuidados, sem receios, tendo cada um, em bolso, um milhão para gastar... São milagres, são feitos, são salomões... Tudo encaixa, recendo, tudo, tudo, até o amor! E os ministros a cortarem, economias prégando, e os orçamentos subindo... Deus do céu, prolongae este elixir que nos leva de tipoia, nas *premieres*, nos calça e veste do fino, e nos perfuma com vinagres; que nos dá ceias opiparas, festins de Balthazar e de Lucullo, com lindas mulheres a servirem-nos preciosos netcures por amporhas de oiro, em vez de camareiras baratas em tócas baticas da Boemia; prolongae por mais algum tempo este favor, este mysterio, que nos transforma a todos nos sorridentes nababos, ao mesmo tempo que o paiz, com P. grande, declara ter gasto o ultimo centil que tinha nas suas arcas... Nós vos agradeceremos infinitamente, com um lindo chromo de fina aguarella e um ramo de rosas em crystal da Bohemia...

Bohemia! Bohemia! Assim nos anda a parecer a vida depois que as libras encarcerarem... Dá-me o teu braço, Mimi... E vamos por ahí além n'um *duo d'amor*... bem chegadinhos... Está tanto frio...

MOURA CABRAL.

THEATROS

A DESPITO das invençadas fabulas que o nosso vezeiro pessimismo se dá, não raro, o estafado prazer de expectar, um bello movimento promissor continua atheralizando a vida da arte do theatro em Portugal. Veja o leitor: logo n'esta primeira resenha, que nos cabe fazer do actual movimento da litteratura dramatico-portugueza, nada menos de tres peças originães vêm escalar a nossa sympathia e admiravelmente impõe-se ao nosso espirito. Bem longe andados vamos, portanto, — louvado Deus! — d'esses depressivos tempos de orthodoxia constitucional e cambios ao par, em que a *Judia* era a superirna inquadração dos ideaes lyricos e o *Hymno da Carta* o ultimo cõu da bemaventurada politica, para este povo de amanuenses e cauteiros; e em que o apparecimento em nossos palcos d'um original portuguez produzia, pela extranhêza, meteoricos deluslramentos—constituia um phenomeno, de tão raro e singular, frisando o inverosmil. Hoje não, felizmente; mais de um pulso de dramaturgo manêja ahí com emoção e calor o bistri da analyse, ou colhe a delicada flôr da poesia. E se nem todas estas provas sãem obras-primas, sirva-nos de consolação e relativo envaidecimento o facto de que de identica inopia hoje tambem a Critica se queixa em Hespanha, na Italia e na propria Franca.

De tres originães temos pois que occupar-nos. E', como vêem, uma esmagadora plethora de assumpto, porque não poderemos mais que afflor-o de leve, mercê da irrevocavel estreiteza do espaço de que nos

é dado dispôr aqui. No emtanto, apraz-nos tomar como de bom agoiro tamanha fecundidade; ella será um animador presagio, cumulativamente, para a arte dramatica nacional e para esta Revista, que de tão bizarras disposições começa por fazer o relato.

A primeira pedra



LUIZ GALHARDO

D'essas tres peças originães, a primeira representada foi o drama em quatro actos, do sr. Luiz Galhardo, *A primeira pedra*, dado á scena em recita de honor do actor Joaquim d'Almeida, no theatro do Gymnasio. Peça embonada e retumbante, falla de observação directa, moendo um thema gasto, palavrosa, artificial, não logrou impôr-se á acceção do publico, apesar da affectuosa celebração da primeira noite.

O sr. Luiz Galhardo é um novo, cheio de sinceridade e talento, cuja limpida alma uma candida embriaguez intellectual embala, e cujo celso espirito arde das mais vibrantes e aladas aspirações, que o seu intimo convio com litteratos e artistas melindrosamente inflama e accendia... Simplesmente, como a pratica da profissão lhe faltou, as faculdades de realisação não o secundaram; falleceu-lhe esse caprichoso ao seu desejo. E porquê? — Porque um bom escriptor de theatro não rompe de improviso. Hade este complexo genio litterario soccorrer-se de todos os outros, para ser, já não diremos completo, mas sequer mesmo accetivado. Ora, tendo escripto até hoje muito pouco, não havendo procurado sufficientemente ainda, no jornal e no livro, firmar o pulso, algemar a ideia, disciplinar o estylo, modelar esse plasma vago e rebelde da nossa visionação interior, claro é que o novel dramaturgo não conseguiu alvejar justo o seu ideal, nem desdobrar com clareza o assumpto. Assim, não podia senão, naturalmente e de instincto, revelar qualidades, aliás preciosas, de assimilação.

D'ahi que a sua obra saiu tumida, desconnexa, claudicando em incoherencias de aprendizagem, em atoadas vertigens de incerteza, e tão alto-cavada de anfractuosidades que não haveria meio de as nivelar e preencher, mesmo a catadupas de talento. Essa reitissima estadiação de brutos conflictos entre operarios e patrões não commoveu, porque não foi composta com arte, nem persuadida, porque não reflecte com liura a verdade. No emtanto, a disposição do auctor para o theatro é manifesta. Não deve desalentar-o este seu primeiro relativo successo. E' para deante o caminho. O desanimo, se é o refugio dos fracos, é tambem a vingança dos tôlos. Não lhes dê esse prazer! — E releve-nos o sr. Galhardo a franqueza com que he falamos, franqueza que devamos á viva sympathia que nos merece o seu talento e o seu caracter, e a qual reputamos bem mais digna e mais... salutar do que quaesquer banaes alinhões d'uma adjectivação hypocrita.

Sinceramente, estimámos que este drama não ficasse sendo a primeira pedra da sua futura obra litteraria. Se o fosse, a sua ephemera textura atraçal-o-hia... e mais tarde, quando sereno a desfrubrase á incorruptil luz da consciencia, estamos em que o proprio auctor se ria o primeiro a repudial-a.

O que morreu de amor

Seguiu-se, no theatro D. Amal, o drama em quatro actos do sr. Julio Dantas, *O que morreu de amor*. Uma surprehendente revelação e uma encantadora obra de arte. Um quadro singelissimo e tocante do abençoado viver de nossos avós, que a rebusca n'esta sympathia que nos merece o seu talento e o seu ideaes, que insaciavel requêima o genio do auctor, extrahiu da pacificante meialuz dos chronicones para enternecidamente o ofertar, escaiolado, vivo, todo em scintillas de verdade e em recamos de poesia, á nossa admiração e á nossa piedade.

Porque o drama do sr. Julio Dantas, — convem, antes de tudo, accentuar, — não é, não pretende ser um drama historico, na acceção classica e grandiloqua da expressião. Nada d'isso. All não se glorifica o tagante d'um heroe; examina-se carinhosamente o coração d'um ignorado. *O que morreu de amor* é antes a revivescção, sentida, paciente, exacta, dos costumes, dos pequenos episodios



JULIO DANTAS

intimos do passado: é a amorosa reconstrução da, amília medieval portuguesa, feita a golpes de intuição que são formidáveis algaradas de talento. Um círculo restrito de sentimentos, moldados em bronze; almas simples em corpos são; consciências rijas e espelhadas como o aço marcial das armaduras. Tudo com a mais lúcida intuição concebido e realizado com a mais engenhosa inventiva, com uma sobriedade de espantar num novo, com um encanto superior e uma arte infinita, em tudo e sempre, nas grandes situações como nas ínfimas minúcias, — tanto, por exemplo, na adorável collição do primeiro acto, como n'essa galante polvilha de archaismos que discretamente marchetam, aqui, ali, a linguagem, tão ríthmica sempre e tão cuidada.

Nestas condições de estudo do *meio*, de metulosa exteriorização do conjunto, o protagonista da peça, com todo o seu exclusivismo doentio, mal consegue commover nos. Não obstante amarguradamente arrastar-se durante os quatro actos do drama, ou talvez por isso mesmo, fácil e indiferente, a sua dor escorrega e passa... o seu sofrimento roça-nos frio pela alma, não nos alvoroça o coração, não nos arripia os nervos. E entretanto esse grande desgraçado *Dom Pero Roiz*, generoso, arrebatado e triste, é bem português, é bem humano: assim como a sua vida é quente, o seu fim é lógico. Mas é que o Amor, tal como, na sua mais sublime integração, o homem o pode sonhar, tal como algum raro concurso de circumstancias consegue por vezes realisar-o, — puro, absoluto, fiel, ardente, sem perturbações nem desvios, tendo por unico alvo a si mesmo, — esse, é o irmão gêmeo da Morte, a quem já os grandes symbolistas ergoem n'uma immortralírrica concepção o irmanaram... Esse é o que, no seu sublime egoísmo, não se harmonisa, nem casa, nem transige com as subalternas mas fataes contingencias da vida social. Por este motivo, as figuras no genero da do perdido amante de *Dona Maria Paes* não são talvez dramatisáveis; a sua mesma psychopathia isolas-a; a natureza retrahida e hirta do seu subjectivismo torna-as rebeldes à objectivação scenica indispensavel em toda a obra para o theatro.

Assim, interessa-nos muito mais, n'esse bello drama, a gafeira do leproso humilde e *bon-enfant*, raso phisico de instincto, conformado com a sorte, prompto sempre a colher, no escasso quinhão que lhe cabe, a hilariante flor da Vida; que da sua piedade amassada na desgraça sabe extrahir a commovida attenção pelos outros, e no seu temperamento de meridional colhe estímulo ao descante de madrigaes ás raparigas. Como é intensa, pittoresca e viva esta figura! Diz-nos as mais tocantes e amargas coisas do seu soffrir: abre-nos, em suas rapidas referencias, lindas clareiras sobre a época em que viveu... Certamente, a grande scena entre *Gofo* e *Roiz*, no 3.º acto, e d'ahi até ao final, bem como o almoço, no 1.º, e a revelação do amor de *Roiz* feita a *Maria Paes*, no 2.º, são d'estes achados que bastam a definitivamente consagrar um auctor dramático, suas peças moleculares que ficam, e d'ora ávante serão contadas com vantagem entre os mais levantados escriptos da boa litteratura portuguesa.

E' esta a segunda vez que a saberosa occasião se nos depara de firmar as qualidades e enaltecer os meritos d'este vigoroso e subtilissimo escriptor, que a noite de 5 de janeiro ruidosamente recrutou para a Gloria. D'elle encontramos agora, num bello artigo apoteótico, a seguinte effigie, firmada por um nome, como o de Julio Dantas, honesto e glorioso, e o verdadeiro iniciador do actual renascimento do theatro portuguez:

... consegue alliar duas faculdades na apparencia incongruentes: uma exuberante força poetica a um espantoso poder de absorção scientifica. D'ahi deriva o apriso de idealismo com que elle anima as figuras trazidas ao convívio do seu espirito por uma erudição historica raiasinha do alvoroço da mocidade. D'ahi provem o mesmo tempo o bello colorido de verdade e de vida que elle sabe espalhar pelos quadros de épocas lidas, reconstruindo-as pelo seu talento.

D'ahi, acrescentaremos nós, essa maravilhosa dualidade de aptidões, ao mesmo tempo illusionismo e analyse, suavidade e vigor, brutalidade e leveza, que está como que indispensavelmente a revocal-o para a fixação e a documentação da sociedade sua coeva... Sim, queríamos antes, — agora que na amorosa investigação do passado o seu espirito se robusteceu e afinou, — queríamos vê-lo voltado ao nosso tempo, os seus grandes olhos sideraes descidos a esta, conjunctamente lilipucina e colossal, epopeia do viver de nossos dias... viver de mentira e de tração, de lagrimas adivinhadas e coleras repressas, em que a paixão trae luvax e a cynica mascara d'uma inalteravel polidez rebaça os maiores crimes... viver de cuja satanica complexidade, de cujo formidavel trabalho de sapa são um talento como o de Julio Dantas coheria entre nós dar a summa, — e de que o *Pardon*, de Julio Lemaître, é por enquanto, a falta de melhor, o admiravel estalão e o symbolo.

A noite de Natal

Fallece-nos espaço para merecidamente nos referirmos a um outro triumpho, não menos significativo e brilhante: o que, no theatro de D. Maria, alcançou o drama em 3 actos, dos srs. Julio e Raul Brandão, *A Noite de Natal*. E semelhante exito, note-se, valeu tanto mais, quanto elle foi bem espontaneamente e de improvisou arrancado a um publico de desprevidos e indifferentes. Sem proreiros, sem reclamos, névios, sem mais revelações ampliativas do seu valor, como os auctores longe de Lisboa, o theatro vasto do offeritorio quanto dos amigos, promptos à estralada vibrante das ovações, esse extranho drama revelou, logo ás primeiras scenas, qualquer coisa de fascinativo e sério, e logrou triumphalmente impôr-se. — Porque é sentido com alma e vincado com talento.

O que é a *Noite de Natal*?... Producta da cooperação de dois escriptores, não só diversos, mas antitéticos, ditrens já que o drama, na sua estrutura, d'esse enohe distanciamento de origens se sente. Temos d'um lado o talento ponderado, levemente ironico, lyrico e sensual, do poeta do *Livro de Agulhas* e das *Saudades*; do outro, a bizarra

e transviada phantasia do burilador da *Historia d'um palhaço*. Similhante opposição de qualidades, pretendendo conjugar-se no mesmo ideal, havia de por força reopantar em arestas vivas. Se fossem simplesmente diversos, aquelles dois talentos completar-se-hiam na harmonia; assim, porém, como são oppostos, bracejaram com violencia e asperza. O drama dos srs. Julio e Raul Brandão lembra na factura um vigoroso escorço a carvão: está descarnado, cru, falta-lhe a ligação epica, o claro-escuro, esse nuançamento de tons intermedios que dá verdade a uma tela, e encanto e proporção ao estylo. E talvez que tambem tenha, — perdêem-nos os auctores, — um pouquinho de pretensão, impertinente enrugando a lisa alvura da sua ostensiva simplicidade.

Entretanto, d'estes mesmos defeitos lhe derivou em boa parte o exito. A viva originalidade do *meio*, o secco arcaico das scenas, o traço violento e ingenuo dos personagens, valeram-lhe da plateia uma parallelha intensidade de agrado, debruado embora de extraneza... De resto, o drama vale muito pela sua patente prohibidade litteraria, pela rigorosa observação das figuras, pela sua accentuada cor local. O seu assumpto é o velho thema do adulterio, resolvido pelo suicidio da adultera. Mas como é logico, facil, necessario, natural tudo aquillo! Então essa torturada e crepuscular figura de *Damião*, o santeiro, é uma verdadeira criação. Nada de maior e de mais simples; nada de mais pungente e mais humano. Tocado ao se leve, como convinha á sua natureza melancholica e tímida, o seu tragico e resignado perfil enche todavia a peça e empolga-nos, porque é uma figura genuinamente portugueza. Em Lamego conhecemos nós um assim, alcunhado o *Piretro*, assim... — com a mesma atrophica gibba, a mesma timidez infantil, a mesma femine delicadeza, o mesmo alquebramento na tranquillidade, a mesma aphasia na paixão, o mesmo exclusivismo, a mesma fé ardente na sua obra. O modo como o pobre *Damião* sabe, escuta, interoga, exprime a sua desgraça, é magistral. E o publico sente-o, comprehende-o bem... deplora-o, admira-o, apaixonase por elle, — apesar de apresentado, o Deus! no scenario mais horroroso que ainda n'estes ultimos vinte annos tem apparecido em palcos portuguezes.



JULIO BRANDÃO E RAUL BRANDÃO

Já nos não agradou tanto a figura da filha, *Luiza*, que achámos carregada; nem por equal esse esturdio poetaastro, *Soromenho*, citando comicamente Palméirim, Horacio e o Vieira, tão ufano do seu vilão como prodigio em adjectivos farcistas. E' typo hoje entre nós rarisimo, mesmo no norte. Pareceu-nos uma especie de *Aleazar*, d'Or *Maias*, mais regional, mais typico; porém um pouco monotonos nos effeitos e archaico na impressão.

A impressão geral colhida da peça é que foi, repetimos, d'uma bem rara e persistente intensidade. Sente-se até o glorioso arfar de dois profundos investigadores de almas, dois inquietos commentadores da Vida. A nos em especial, a *Noite de Natal* commoveu-nos duplamente: pelo que a peça tem de legitimamente portugueza; e por um não sei quê de mais largo e instinctivamente fatal, um *quid* revelando certa universalidade de sentir; que d'aquellas figuras, d'aquelles processos dolorosamente esparinha... Sim! que, — ao modo d'essas terrificantes aquafortes de Gabriele de Annunzio, das escabelladas visões de Garrion, dos messianicos *misereres* que são algumas composições de Mirbeau, Moréas, Verlaine, — nos surprehendemos ali tambem, a escaburar, flagrante, o pavoroso descastrar da alma de todos, de cada um de nós... este agonizado estertor d'uma raça que se agarra á Vida.

ABEL BOTELHO.

O sonho que se realisa converte-se a maior parte das vezes em desgraça.

M.^{me} OCTAVI FEUILLET.

No grande jogo da vida humana começa-se por se ser enganado e acaba-se por enganar.

VOLTAIRE.

A amizade é um amor que não se comunica pelos sentidos.

CAMPOMORI.

BRASIL—PORTUGAL

Impresso na typ. da Comp. Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 30

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Editor — LUIZ ANTONIO SANCHES
Redac. e administr. — R. IVES, 52 — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno..... (moeda brasileira).....	4\$3000	Anno.....	2\$000	Anno.....	2\$000
Numero avulso.....	2\$300	6 mezes.....	4\$2000	6 mezes.....	4\$2000
		3 mezes.....	2\$3000	3 mezes.....	2\$3000
		Numero avulso.....	2\$000	Numero avulso.....	2\$500

O Primeiro Numero do "Brasil-Portugal"

SUMMARIO

A nossa apresentação — Os directores.
Eia Tetrazini.
Chronica Electrica — Brasil-Portugal.
E. Rui D. Carlos — JAYR VICTOR
Lago da Nazareth, Para.
Dr. Campos Sales — AVESADO DE CASTILHO.
Uma Bir de Coara.
As Mandadeiras — Conde de Monsaraz.
Dr. José Paes de Carvalho — MARCEAS FERREIRA.
O centenario de Gattart.
Fotografia de Amaral no Rio de Janeiro.
Pedro Maria da Fonseca Arrajo.
A «Despedida de Verão» — LOUZO TAVARES.
Marcelino Gonçalves.
Rio de Janeiro.
Fugamentos.
«Adãos» — JULIO DE DEUS.
«Idas» — OLAVO BLAC.
A botracha ou gomma sastica — BARÃO DE MARAJÓ.
Da Varanda do Club — MOIRA CABRAL.
Theatros — ABEL BOTEIHO.

22 ILLUSTRAÇÕES

Os directores d'esta revista agradecem cordalmente aos collaboradores do 1.º numero, que tão gentilmente vieram honrar as paginas do *Brasil-Portugal* com os seus nomes queridos do publico e consagrados no nosso mundo litterario ou artistico.

O conde de Monsaraz, Macedo Papança, o poeta da *Catharina de Athayde* e d'ultimo romantico, firma esses adoraveis versos inditos. *As mandadeiras*, que fazem parte de um volume em preparação.

Pela poesia local que os reveste e o sentimento artistico que os atravessa, *As mandadeiras* é um verdadeiro mimo poetico a que o lapiz feliz de João Galhardo arranca uma nota sentida e justa, como os leitores do *Brasil-Portugal* poderoẽ ver nos dois pequenos quadros artisticos que illustram a poesia do conde de Monsaraz. *Marreacas Ferreira*, o brilhante professor militar, na sua prosa elegante e tão repassada de arte e de sentimento, diz o que é a individualidade inconfundivel e sympathica do dr. Paes de Carvalho, governador do Pará.

Ao calor da antiga confraternidade academica, que revive n'essa pagina, sente-se o coração, adivinha-se o caracter d'aquelle brasileiro illusterrissimo, a quem não ha muito os mais altos representantes da medicina e da imprensa tributaram em Lisboa uma subida homenagem. O conto *A Despedida de Verão* é illustrado pelo lapiz delicado e evocativo de Augusto Pina. O barão de Marajó, um brasileiro proeminente, uma das mais sympathicas individualidades do norte do Brasil, que nos altos cargos exercidos tem uma longa lista de serviços ao seu país, trata n'este numero, e n'outros que vão seguir-se-lhe, de um dos mais importantes ramos da riqueza do Brasil: a botracha.

Vivendo habitualmente no Pará, conhecendo

profundamente toda a vasta região amazonica, por onde se espalha aquelle riquissimo producto vegetal, que é hoje um dos principaes elementos do commercio brasileiro, o barão de Marajó trata n'esses artigos tão proficientemente do assumpto, tão instructivos são os esclarecimentos que dá, tão nitida a forma de os expor, e tão seguros são os seus pontos de vista, que chamamos particularmente a attenção dos leitores do *Brasil-Portugal* para as paginas que o illustre publicista subscreve. **Moura Cabral**, dos nossos mais finos homoiistas, largamente revelado no jornal e no theatro, firma a sua primeira chronica sob o titulo generico de: *Da varanda do club*.

O lado comico das coisas, o aspecto jovial dos acontecimentos observados em flagrante será posto em relevo, todos os quinze dias, pela sua penna leve e scintillante. O tenente coronel **Abel Botelho**, dramaturgo, poeta e romancista dos mais conceituados no nosso meio litterario, aprecia e fixa no seu estylo, tão original e tão portuguez, a individualidade dos quatro modernos escriptores, Luis Galhardo, Julio Dantas, Julio e Brandão, e a largos traços estuda e critica os originaes portuguezes com que elles, nos theatros do Gymnasio, D. Amelia e D. Maria, acabam de fazer a sua estreia de escriptores dramaticos.

Finanças e Commercio

Uma das difficuldades inherentes á organização do 1.º numero de uma revista como o *Brasil-Portugal*, consiste na necessidade imperiosa de fornecer ás officinas de composição e impressão todo o original, com antecedencia de dias, pois variadissimos são os trabalhos de disposição artistica definitiva, indispensaveis para que elle venha a publico no praso estabelecido.

Forçou-nos esta exigencia a desistir de publicar hoje os artigos sobre commercio e sobre finanças, preferindo essa falta a que apparecessem com o cunho de velhos e atrazados. Prometemos de futuro compensar tal falta largamente, e a garantia d'esta promessa está nos nomes illustres que vão subscrever os artigos que sobre finanças e commercio o *Brasil-Portugal* publicará nos numeros seguintes.

Da secção *Questões actuaes*, gentilmente se encarregou o sr. dr. **Anselmo de Andrade**, o erudito publicista, que no seu ultimo livro, *A Terra*, de uma fórma tão alevantada atacou os variados problemas economicos e sociaes.

Sob o titulo generico de *Relações commerciaes en're Portugal e o Brasil*, iniciará, no numero de 16 d'este mez, uma serie de artigos o sr. conselheiro **Mattoso dos Santos**, o illustre professor, funcionario superior das Alfandegas, parlamentar e publicista.

Collaboradores do "Brasil-Portugal"

Nomes dos mais illustres nos dois paizes, prosadores e poetas, honrarão as columnas d'esta revista.

De muitos são as adhesões amaveis que desde o principio incitaram a empresa do *Brasil-Portugal* a proseguir no seu empreendimento arrojado, — porque não havemos de dizer o adjectivo?

O que a empresa pode desde já assegurar é a collaboração permanente, nos numeros a seguir, d'estes escriptores: **Abel Botelho**, que firma a secção *Theatros*: dr. **Anselmo de Andrade**, que tomou a seu cargo o tratar de *questões sociaes e financeiras*; **Augusto de Castello**, director do *Brasil-Portugal*, que firmará artigos sobre colonias ou Brasil; conselheiro **Mattoso dos Santos**, que em artigos successivos, com o seu nome, tratará das relações commerciaes entre o Brasil e Portugal; **Moura Cabral**, que, na sua secção *Da Varanda do Club*, procurará achar o lado humoristico dos acontecimentos principaes decorridos no intervallo de cada numero; e **Silva Lisboa**, que n'outro logar nos referimos, firmando a sua carta quinzenal de Paris.

O *Brasil-Portugal*, que terá alem d'isso as suas secções permanentes de redacção, tem assegurada a collaboração de: Antonio Ennes, Antonio Feijó, Plinto d'Almeida, conde de Monsaraz, Olavo Bilac, Trindade Coelho, Thomaz Ribeiro, Pinto de Carvalho (Tino), Machado de Assis, José de Azevedo, Castello Branco, Frederico Rossard, visconde de S. Boaventura, Paulo de Brito, Vasco de Azevedo, D. Thomaz de Mello, Antero de Figueiredo, Lino de Assumpção, Valentim de Magalhães, Raul Brandão, Moraes Carvalho, Marreacas Ferreira, Julio Brandão, Guilherme Gama, Filho de Almeida, dr. Fernando Mendes de Almeida, conde de Arago, Luiz Queiroz, conde de Senna Freitas, Alfredo Guimarães, Santos Tavares, Julio Dantas, Paes de Carvalho, Manuel Pereira, Raymundo Corrêa, Freitas Branco, conde Ayles Mendes, D. João da Camara, Bulhão Pato, Alvaro Pousello, Lopes de Mendonça, Alfredo da Cunha, visconde de Faro e Oliveira, Hygino de Sousa, Emygdio Navarro, barão de Marajó, João Costa, Eduardo de Noronha, Brito Aranha, Mariano Freese, Candido de Figueiredo, Casimiro Dantas, Alberto Fi-

mentel, Carlos Santos, Antonio Bandeira, Hygino da Mendonça, Carlos Affonso, Lourenço Cayolla, Consiglieri Pedroso, Magalhães Lima, Antonio Batalha Reis, Adelino das Neves e Mello, Mariano Pina, Eneas Martins, José Antonio de Freitas, Luciano Cordeiro, Fernandes Costa, Alvaro de Bulhão Pato, Eduardo Schwalbach, etc.

Colaboradores artisticos. — Alem de Celso Herminio, D. Germana Patricio, Colombaro, Raphael e Manuel Bordallo Pinheiro, João Galhardo, Augusto Pina, Antonio Ramalho, Leal da Camera, Conceição Silva, Joaquim Costa, Carlos Reis, Salgado, José Queiroz, Oscar da Silva, Roque Gameiro.

Director artistico do "Brasil-Portugal"

A direcção artistica do *Brasil-Portugal* chamamos-a, do 2.º numero em diante, que apparecerá no dia 16 d'este mez, a Celso Herminio. Está certamente no espirito dos nossos leitores que a melhor recommendação que podemos fazer do nome d'este artista é... escrevel-o.

Só por si elle diz e affirma um talento provado em muitos e variados trabalhos applaudidos e consagrados, tanto em publicações portuguezas como brazileiras.

O nome que em Lisboa Celso Herminio tinha conquistado com o seu lapis fecho, hilariante, gracioso e espontaneo, captou no Brasil tales sympathias que o grande e popular jornal do Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, conseguiu que Celso Herminio aceitasse a sua direcção artistica: que ella foi para o jornal brasileiro de manifesta utilidade bem o provou o augmento recente da sua tiragem. Fundado pelas experiencias de uma nostalgia invencivel, o artista teve que deixar o Brasil e regressar á patria. Aqui está a razão porque a empresa do *Brasil-Portugal* ponde confiar-lhe a missão, que elle promptamente aceitou, de imprimir, á publicação que começa, a sua direcção artistica, sendo a esta publicação dedicados os primeiros trabalhos que Celso escreveu em Portugal depois da sua volta do Brasil.

Reputamos excellentes esta nova que damos aos leitores do *Brasil-Portugal*, os quaes tanto em assumptos portuguezes como brazileiros encontrarão de hoje em diante o lapis fertile e espirituoso de Celso Herminio.

Correspondente litterario do "Brasil-Portugal", no Porto

Raul Brandão, o fino artista e esmerado prosador, que actualmente reside no Porto, accetou gentilmente o encargo de correspondente litterario do *Brasil-Portugal* n'aquella cidade, onde esta revista tem como correspondente e representante o sr. Carlos Affonso, secretario da *União das Indústrias do Norte*, em cuja intelligencia e actividade poz a empresa absoluta confiança.

O Porto é o mais laborioso centro do norte, é a capital do trabalho, a cidade que tem mais relações commerciaes com todo o Brasil. É justo, portanto, que o Porto occupe vasto logar n'esta revista, e d'ahi a razão por que nós instantemente agradecemos a Raul Brandão o fervor com que elle responde ao nosso appello, accetando de prompto a missão comprehendida no titulo que encima estas palavras.

Correspondente litterario do BRASIL-PORTUGAL em Paris

O correspondente litterario do *Brasil-Portugal*, em Paris, é, de hoje em diante, o sr. Silva Lisboa, cujo nome é tão conhecido em Portugal, onde já dirigiu jornaes importantes, sendo o actual correspondente do *Diario de Noticias* e da *Vo'za do Povo*, ambos estes jornaes de Lisboa, como é conhecido no Brasil pelas suas interessantes chronicas de Paris publicadas no

importante diario do Rio de Janeiro, o *Jornal do Brasil*.

O *Brasil-Portugal* pode garantir aos seus leitores que publicará em todos os seus numeros, a comecar no de 16 do mez corrente, uma carta de Paris, firmada pelo nome d'aquelle illustre jornalista, que trará os leitores d'esta revista ao corrente dos acontecimentos palpitantes que vão occorrendo em Franca, e especialmente dos que mais de perto se relacionam com a vida brasileira na grande capital.

Depois de Lisboa e do Porto é Paris a cidade europá, onde vive maior numero de brazileiros, pertencendo grande parte d'elles á primeira sociedade da grande Republica americana.

Os acontecimentos que mais se prendam com a vida que fazem em Paris, e que possam pertencer ao dominio publico, interessam ao Brasil e a Portugal, e por isso procuramos não descurar esta parte importante da vida brasileira na Europa, confiando-a a um dos escriptores mais considerados nos dois paizes.

Liga dos estudantes brazileiros em Portugal

Com o apparecimento do 1.º numero do *Brasil-Portugal* coincide, por assim dizer, a ideia aventada de se crear em Coimbra a *Liga dos estudantes brazileiros*, que tem por fim vulgarisar em Portugal, pelo livro, pelo artigo, por meio de conferencias publicas, a litteratura e os progressos da sciencia e das artes do Brasil. Digno de louvor esse impulso nobilissimo que partiu de um grupo de rapazes generosos, e altamente sympathica a agremiação academica que vai reunir elementos dispersos para em breve constituirem uma força. Como um dos intulos d'esta revista tambem é tornar mais conhecidos em Portugal todos os homens de valor do Brasil, a direcção do *Brasil-Portugal* offerrece as suas columnas, como meio facil de divulgação, á *Liga dos Estudantes*.

Esse offerrecimento repete-o hoje aqui. De bom grado aceita esta revista tudo quanto contribua para a propaganda d'esse generoso empreendimento.

O pequeno serçico que assim presta aos talentosos filhos do Brasil será largamente compensado com a valiosa e larga colaboração prometida.

O BRINDE DO "BRASIL-PORTUGAL"

No fim de cada anno de publicação a empresa do *Brasil-Portugal* offerrece, não só a todos os seus assignantes, mas tambem aos annunciantes que estejam nas condições exaradas no prospecto da publicação, um *brinde luxuoso e artistico*, o que reduz sensivelmente o preço da assignatura e a importancia do annuncio.

OS QUE CHEGAM

Portugal — sobretudo Lisboa e o Porto — é de todos os paizes da Europa, o que recebe, por todas as carreiras que fazem os paquetes das grandes companhias, maior numero de visitantes procedentes dos Estados-Unidos do Brasil, quer brazileiros quer portuguezes, bem como das ilhas e colonias.

Vém muitas entre ellas que pelo credito que o trabalho lhes conquistou, ou pela situação que occupam na grande e florescente Republica, e nas suas possessões e ilhas, bem merecem que uma publicação portugueza, em secção especial, registre os seus nomes, acompanhando-os de esclarecimentos que interessam, de fórma a não se dar ommissão ou esquecimento que podiam ser mal interpretados, fazendo crer que nos eram indifferentes ou nos passavam despercebidos tantos visitantes illustres que nos dão a honra ou de visitar Portugal ou de o escolher para nova residencia.

Para que essa censura nos não caiba, na secção que abrimos com o titulo acima terão especial registro no *Brasil-Portugal* os nomes de brazileiros e portuguezes que estejam nas condições que acabamos de indicar.

As Photo-gravuras do "Brasil-Portugal"

Todos os trabalhos de reproducção, pela photo-gravura, de photographias, e de desenhos dos nossos artistas (illustrações), são executados nas officinas de Pires Marinho & C.º, trabalhos que hoje rivalisam com os melhores do estrangeiro.

PHOTOGRAPHIAS

Dos melhores *ateliers* nacionaes e brazileiros. No numero dos mais considerados photographos figuram os de Camacho, Bobone, Biel, do Porto, e Fidanza, do Pará.

A capa do "Brasil-Portugal" e a Companhia Nacional Editora

O desenho da capa do *Brasil-Portugal* é devido ao lapis facil e feliz de Roque Gameiro, o artista primoroso, cujo nome tanto se tem evidenciado nos ultimos annos. Todo simplicidade e bom gosto, o desenho realça pelo delicado processo da *schio-chromia*, em que o apresentamos. Todo esse trabalho de execução da *schio-chromia*, novo em Portugal, foi feito nas officinas da Companhia Nacional Editora, á qual a empresa confiou a composição e impressão do *Brasil-Portugal*.

OS NOSSOS ANUNCIOS

Todo o serçico de annuncios para esta revista está confiado exclusivamente: em Lisboa, ao sr. Augusto Soares, proprietario da Agencia Nacional, na rua do Ouro, n.º 178, 2.º, e, no Porto, ao sr. Carlos Affonso, a que n'outro logar nos referimos.

Da competencia d'estes cavalheiros, da sua intelligencia e do seu zelo, dá já testemunho o 1.º numero do *Brasil-Portugal*.

Os numeros seguintes do "Brasil-Portugal"

Todos os que nos derem a honra de ler esta publicação devem comprehender as difficuldades com que se luctou para a organização do 1.º numero. Reconhecemos que n'elle ha deficiencias e faltas, mas podemos tambem garantir que vamos applicar todos os esforços para que venha melhorado o numero de 16 de fevereiro, e para que nos seguintes se reconheça que as modificações progriem, especialmente no que respeita á parte noticiosa, que seja compativel com uma publicação d'este genero e em harmonia com o que mais interessa, em relação ao Brasil e a Portugal, o publico especial que nos lê.

Os melhoramentos succeder-se-hão, figurando entre elles o augmento de paginas de texto, reproducção, pela gravura, de salões elegantes, *ateliers* de artistas, gabinetes de trabalho, paginas de musica original, expressamente composta para o *Brasil-Portugal*, e gravuras a cores em folhas soltas, e AGUAS FORTES, sendo algumas em papel do Japão. Resumindo: tem lacunas o 1.º numero do *Brasil-Portugal*, mas fica registada a promessa de melhoramentos nos seguintes.

Os directores.

D'um jornal americano:

«Com a morte d'este homem, a sociedade perdeu um dos seus mais bellos ornamentos, a Egreja um dos seus melhores fiéis, sua esposa um marido exemplar, e nós um assignante que pagava os seus recibos com toda a pontualidade.»

Authenticamente:

— Poderem mandar á Exposição o quadro de minha filha?

— Ella teve bom mestre?

— Não teve nenhum... pinta de ouvido.

Brasil-Portugal

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores—AUGUSTO DE CASTILHO, JAYME VICTOR, LORJÓ JAVAPES

Director artistico—CELSO HERMINIO

Collaboradores litterarios—OS PRINCIPAES ESCRIPTORES DE PORTUGAL E BRASIL

Collaboradores artisticos—OS MELHORES DESENHADORES DE PORTUGAL

Capa artistica, 16 paginas de texto, 4 paginas supplementares, media de 25 gravuras por numero, representando paisagens, monumentos, fabricas, personalidades, salões e *ateliés*, cidades e villas, do Brasil e de Portugal.

Versos, contos, chronicas illustrados.

BRINDE ANNUAL a assignantes e annunciantes.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

BRASIL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	PORTUGAL
Anno (moeda brasileira) 45000 réis	Anno 8000 réis	Anno 7000 réis
Numero avulso 2500	6 mezes 4500 réis	6 mezes 4000 réis
	Numero avulso 2500 réis	3 mezes 2000 réis
		Numero avulso 2400 réis

Brasil-Portugal tem correspondentes nas principaes terras do paiz e do Brasil.

Vende-se em todas as livrarias, na tabacaria Monaco, e nos escriptorios da Revista.

52, RUA IVENS, 52

— LISBOA —

FASCICULOS SEMANAES

8 folhas de 8 paginas cada, 4.^o grande

4 MAGNIFICAS GRAVURAS GRANDES 4

CADA FASCICULO 60 RÉIS

Assignatura Permanente

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

HISTORIA DE PORTUGAL

Edição popular e illustrada, direcção de ROQUE GAMEIRO

Publicação luxuosa e barata.

Assignaturas em LISBOA, *Livraria Moderna, rua Augusta, 95.* — PORTO, *Guilherme de Campos, rua de D. Pedro, 118, 2.^o*, e em todas as livrarias do paiz

Estão publicados — 25 FASCICULOS E 5 TOMOS — Estão publicados que se serviam mediante 60 RÉIS cada fasciculo e 300 RÉIS cada tomo, a quem os requisitar a E. AUGUSTA, 95

TOMOS MENSAES

5 fasciculos com mais de

20 MAGNIFICAS 30 GRAVURAS GRANDES

CADA TOMO 300 RÉIS

Assignatura Permanente



Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNECEDORES DA CASA REAL

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

J. NUNES CORRÊA & C.^a

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 150, 152, 154 e 156 — LISBOA

Promptificam-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Ateller mechanico para confecção de uniformes. Garantem-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços.